Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

TEIXEIRA E SOUSA E O EXERCÍCIO AUTORAL NEGRO: UMA EDIÇÃO NA REESCRITA NEGRA DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

FERNANDA FELISBERTP DA SILVA (UFRRJ)
Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade.
Doutora pelo Programa de Literatura Comparada da UERJ,
área de pesquisa Literatura afro-americana e negro-brasileira.

ARIVALDO SACRAMENTO (UFBA)
Arivaldo Sacramento de Souza (Salvador, Bahia, 1983) é poeta, tradutor, filólogo e professor brasileiro, cuja trajetória acadêmica se insere no campo dos estudos da linguagem, com ênfase na filologia e na história da língua e da escrita. Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (2005), concluiu o mestrado (2008) e o doutorado (2014) em Letras e Linguística pela mesma instituição. Em 2020, realizou estágio pós-doutoral em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana, com foco em Humanidades Digitais.

Mas quem vestirá os farrapos dos escravos?
Às vestes da casa grande não faltam candidatos,
todos exacerbados nesse silêncio de ser branco
até as últimas consequências.
(Cuti)

RESUMO

Considerado o primeiro romance brasileiro, *O filho de pescador* é um romance do escrito brasileiro Antônio Gonçalves Teixeira e Souza, publicado pela primeira vez em 1843. Desde então, o romance circulou socialmente em diversos formatos, a saber como folhetim no jornal *O Brasil*, depois foi impresso pela *Typografia da Escola de Serafim José Alves*, também em 1843; em 1859, sai tanto em folhetim no periódico *A Marmota* e em livro com duas edições pela *Tipografia de F. de Paula Brito*, tudo isso no ano de 1859. Tal sucesso de publicação demonstra o quanto Teixeirinha, como era chamado por muitos, caiu no gosto popular, ainda que os críticos literários tivessem alguma reserva. Depois disso, as edições rarearam e o esquecimento da produção narrativa do filho de Cabo Frio só teve edições de relevo em 1977, com um prefácio - digamos, ácido - de Aurélio Buarque de Hollanda Outra edição apareceu em 1997, com o prefácio do acadêmico Domício Proença Filho. Diante de tal situação, pretendemos elaborar uma edição histórica que reúna não só todos os prefácios, mas também a fortuna crítica sobre o livro, elementos para uma crítica biográfica que permitam a reinserção desse fundamental prosador negro na história da literatura brasileira. Com isso, queremos compreender também como se deu tal apagão promovido tanto pela crítica literária, em seus diversos manuais de história da literatura, mas também contribuir pata história política da literatura negra no Brasil.

Palavras-Chave: Teixeira e Souza; O filho do pescador; Racismo; Crítica Textual; Crítica Literária.

RÉSUMÉ

Considéré comme le premier roman brésilien, *O Filho de Pescador* est un roman de l'écrivain brésilien Antônio Gonçalves Teixeira e Souza, publié pour la première fois en 1843. Depuis lors, l'œuvre a circulé sous différentes formes : d'abord en feuilleton dans le journal *O Brasil*, puis en volume imprimé par la *Typografia da Escola de Serafim José Alves*, également en 1843 ; en 1859, elle fut de nouveau publiée en

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

feuilleton dans le périodique *A Marmota* et fit l'objet de deux éditions en volume par la *Tipografia de F. de Paula Brito*, toutes deux parues la même année. Ce succès éditorial témoigne de la popularité de Teixeirinha, comme on le surnommait, auprès du grand public, malgré les réserves exprimées par une partie de la critique littéraire. Par la suite, les rééditions se firent rares et l'œuvre narrative de cet écrivain originaire de Cabo Frio sombra progressivement dans l'oubli, les seules éditions marquantes étant celle de 1977, accompagnée d'une préface – que l'on pourrait qualifier d'acerbe – d'Aurélio Buarque de Holanda, puis celle de 1997, précédée d'une préface du membre de l'Académie brésilienne des lettres Domício Proença Filho. Face à cette situation, nous proposons de réaliser une édition historique réunissant non seulement l'ensemble des préfaces publiées au fil du temps, mais également la fortune critique consacrée au roman, ainsi que des éléments destinés à une critique biographique permettant de réinscrire ce romancier noir majeur dans l'histoire de la littérature brésilienne. Notre objectif est également de comprendre les mécanismes de l'effacement de son œuvre, tant dans la critique littéraire que dans les différents manuels d'histoire de la littérature, tout en contribuant à l'écriture d'une histoire politique de la littérature noire au Brésil.

Mots-clés: Teixeira e Souza; O Filho de Pescador; racisme; critique textuelle; critique littéraire.

Introdução

A chave para entender o Brasil em suas diferentes dimensões, na nossa percepção, repousa no século XIX, entre estas possibilidades de interpretação está a literatura brasileira, e com ela seu percurso historiográfico, pactuando com os discursos oficiais, em práticas ainda retroalimentada atualmente, onde se faz necessário justificar a presença da autoria negra, ou questionar sua invisibilidade.

O ponto de partida desta análise é um autor oriundo da Vila de Santa Helena de Cabo Frio, atualmente cidade de **Cabo Frio** um município do **Estado do Rio de Janeiro**, área conhecida, também, como Região dos Lagos, a 155 km da capital, e foi um eco desta cidade, promovido por um grupo de ativistas do movimento negro e agitadores culturais da região, que tomamos conhecimento pela primeira vez do nome *Teixeira e Souza*, mediante um evento anual, que leva o nome do seu patrono e já acontece há trinta e cinco anos na cidade intitulado *A Semana Teixeira e Souza*[1].

A aproximação com esse autor, por caminhos e por vozes que estão fora do espaço acadêmico, não é novidade, obedece a uma lógica sobre os saberes das populações negras, muito bem sinalizada por Nilma Lino Gomes, quando afirma: "[...] reconhecer e tornar credíveis os saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro para a prática e para o pensamento educacional é tarefa da pedagogia das emergências" (Gomes, 2017, p.139).

E quando pensamos em pedagogia das emergências e autoria negra existe uma contradição instalada, no que se refere aos pressupostos da crítica literária brasileira hegemônica. Ainda há, nas mentalidades contemporâneas, uma ideia de que pessoas negras constituem uma parcela ágrafa da sociedade e que, portanto, não é dotada de intelectualidade, Tudo isso ainda segue tatuado no imaginário

1 https://cabofrio.rj.leg.br/exposicao-memorias-e-fotografias-integra-a-33a-semana-teixeira-e-sousa/

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

nacional brasileiro. Com este movimento aqui proposto, buscamos compreender como historicamente pessoas negras viveram experiências de autorias vivendo em liberdade, inventando estratégias para burlar fatores racista da sociedade oitocentista brasileira.

Percursos de um intelectual negro na primeira metade do século XIX

Mas quem é este autor negro de Cabo Frio, que publicou, a despeito de toda a miopia da crítica literária nacional, o que se considera o primeiro romance publicado no Brasil, o *Filho do Pescador* em (1843)? Nas palavras de Aurélio Buarque de Holanda, um "[...] mestiço de Cabo Frio é que dá começo a história do nosso romance – do romance brasileiro, situado no Brasil, feito por filho do país, de espírito formado na terra, e a ela radicalmente ligado" (Buarque de Holanda, 1977, p. 8-9).

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza nasceu no dia 28 de março de 1812, na cidade Cabo Frio, sua história de vida não se diferencia dos escritores mestiços do século XIX, de pai português, Manuel Gonçalves, pequeno comerciante e mãe preta nascida no Brasil, por nome Anna Teixeira de Jesus, era o mais velho dos cinco irmãos. Estudou em sua cidade natal e, devido às dificuldades financeiras familiares, também precisou interromper seus estudos, aprendeu o ofício de carpinteiro, o que permitiu que acompanhasse o pai em uma viagem à Corte, em 1825 para aprimorar técnicas de seu ofício e por lá permaneceu até 1830, quando retorna para sua cidade natal por questões de saúde.

O interesse pelas letras fez com que ele retornasse para os estudos, mesmo depois do falecimento de seus pais e do incentivo de um tutor, que sempre esteve presente em sua vida, Inácio Cardoso da Silva, professor e médico em sua cidade, que incentivou ao jovem retornar para os estudos, fato que o levou de volta à Corte, na cidade do Rio de Janeiro, em 1840 (Proença Filho, 1977, p. 4).

Sua trajetória literária acompanhou um percurso comum a escritores negros do século XIX e da transição para o século XX: a inserção em oficinas tipográficas como porta de entrada para o universo das letras e a aproximação com um dos personagens centrais da vida intelectual do período, Francisco de Paula Brito, conhecido como Paula Brito. Intelectual negro ainda insuficientemente contemplado pela crítica literária negra, Paula Brito destacou-se como poeta, tradutor, jornalista comprometido com a causa abolicionista e, sobretudo, como um visionário do mercado editorial brasileiro. Em um contexto marcado pela predominância das casas editoriais portuguesas, tornou-se o primeiro grande editor brasileiro e desenvolveu uma prática que antecipa características das editoras negras contemporâneas: a aposta na formação e na publicação de novos autores. Entre os escritores por ele incentivados encontrava-se um jovem Joaquim Maria Machado de Assis, que mais tarde se consolidaria como um dos pilares da literatura brasileira. Foi também na tipografia e editora de Paula Brito que veio a público *O Filho do Pescador* (1843), de Teixeira e Sousa, reconhecido como o primeiro romance publicado em livro por uma editora brasileira. Contextualizar Paula Brito na cena literária do século

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

XIX é essencial para nos debruçarmos na literatura produzida por autores negros do mesmo período, ela nasce de uma experiência de liberdade, eles construíram suas formas particulares de acessar a educação, as letras e a cena cultural nos ciclos literários, entre eles a Sociedade Petalógica[2] um ponto de encontros de intelectuais e literatos deste período, entre eles Teixeira e Souza, era frequentador deste circuito.

A estreia literária de Teixeira e Sousa antecede a publicação de *O Filho do Pescador* (1843), obra frequentemente apontada como marco inaugural do romance brasileiro. Seu ingresso no campo das letras ocorreu em 1840, quando, aos dezoito anos, publicou *Cornélia: uma tragédia*. No ano seguinte, vieram os dois volumes de *Cantos Líricos* (1841), evidenciando sua precoce e intensa atividade como escritor. Ao longo de sua carreira, constituiu uma produção vasta e diversificada, que abrangeu poesia, teatro, romance histórico e ficção de inspiração romântica. Entre suas principais obras destacam-se *Os Três Dias de um Noivado: poemas* (1844), *A Independência do Brasil* (1847–1855), *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* (1847), *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* (1848–1851) e *O Cavaleiro Teutônico ou A Freira de Marienburg* (1855), entre outras, demonstrando a amplitude temática e a expressiva produtividade de sua trajetória literária (Proença Filho, 1977, p. 6).

O filho do pescador, a gênese do gênero romance no país

> A leitura da vossa última carta me fez plenamente ver que muito produziu em vossa imaginação a leitura do meu poema ou romance - *Os Três dias de um noivado*. Estou contente. Agora exigis de mim um romance em prosa: a tarefa é-me difícil, não pela obra em si própria, mas pelas pessoas a quem ele deve dirigir: porque me dizes que desejais um romance para vós, vosso marido, vosso filho e vossa filha! (Teixeira e Souza, 1843, p. 37)

A epígrafe acima foi retirada do texto **"Carta a Emília que serve como proêmio"**, prólogo da obra analisada, *O Filho do Pescador*, que abre a primeira publicação reconhecida do gênero romance no país. Tal fato nos permite intuir a coragem de um homem negro de letras na primeira metade do século XIX. As inquietações do autor mostram-se particularmente pertinentes para aquele momento histórico, quarenta e cinco anos antes da Abolição, quando o livro e, consequentemente, o hábito da leitura saíam da clandestinidade imposta pela Coroa portuguesa e se afirmavam como símbolos de libertação. Segundo Nelson Werneck Sodré, "ler, aprender, eram atividades que continham, em si mesmas, como sempre, um sentido anticolonialista — representavam um esforço de libertação" (Sodré, 1966, p. 54).

Teixeira e Souza foi ousado, desafiou seu tempo e o prólogo da obra já citado anteriormente

2 Sociedade Petalógica.

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

demonstra que o autor tinha um projeto literário desenhado, que estava atento a cena cultural na qual estava inserido:

> Escrevo para agradar-vos: junto aos meus escritos o quanto posso de moral, para que vos sejam úteis: junto-lhes as belezas da literatura, que vos deleitem. Não corrijo este meu escrito, porque esta honra vós lhe fareis! (Teixeira e Souza, 1966, p. 37)

A obra em questão, O *filho do pescador* foi publicada por primeira vez em 1843, nos rodapés do jornal *O Brasil*, entre 6 julho e 22 agosto do mesmo ano de maneira ininterrupta (Silva, 2009, p.138), passando mais tarde a ser impressa em formato livro, pela tipografia Imparcial, de propriedade de Francisco de Paula Brito, que passou a publicar outras obras do autor. (Silva, 2009, p.95). O romance foi organizado em torno de vinte e um capítulos, todos eles com um subtítulo, além disso, com pré-textos que orientam o leitor a partir de um viés moralista, para abordar os capítulos do livro.

Esse estilo de apresentar uma reflexão de caráter moral antes do início dos capítulos decorre, segundo a pesquisadora Hebe Cristina, de um conhecimento profundo que Teixeira e Sousa possuía de seu público leitor. Em sua minuciosa pesquisa, *Prelúdio do romance brasileiro: Teixeira e Souza e as primeiras narrativas ficcionais* (2009), a autora argumenta que o escritor estruturava suas narrativas considerando os temas que despertavam o interesse daquela jovem sociedade leitora, entre eles os elementos nacionais e as questões morais. Tal estratégia também se relacionava ao crescente acesso das mulheres à leitura, o que contribuía para a valorização de conteúdos considerados moralmente edificantes. Para Hebe Cristina Silva,

> O autor mostrou-se preocupado em destacar que a ação do romance se desenrolava em cenário nacional, aliás, carioca específico: "no Rio de Janeiro, no lugar chamado Copacabana". O apelo para a brasilidade nas narrativas desses anúncios não se dava gratuitamente. A para do que se dizia na imprensa sobre literatura, visto que trabalhava com Paula Brito desde 1840, Teixeira e Sousa certamente imaginava que despertaria o interesse do público caso mencionasse que se tratava de uma narrativa nacional, principalmente o caso do Filho do Pescador, que foi uma das primeiras produções do gênero no Brasil. Podemos imaginar que os leitores da época estavam mesmo interessados em as paisagens nacionais figurarem em narrativas de autores brasileiros, pois, como vimos, o primeiro romance do autor teve duas edições em folhetim e duas em volume do Oitocentos. Mais uma vez, o escritor demonstrou que conhecia o público para quem escrevia e os elementos poderiam despertar seu interesse. (Silva, 2009, p.131)

O enredo da obra segue a estrutura típica do romance-folhetim, marcada por aventuras, traições, suspense e sedução. O fio condutor da narrativa gira em torno da misteriosa Laura, uma suposta viúva que é salva de um naufrágio por Augusto, filho de um pescador e morador da então longínqua

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

praia de Copacabana. Após acolhê-la, Augusto apaixona-se pela jovem. Embora seu pai se oponha ao relacionamento, em razão da origem desconhecida de Laura, o protagonista decide casar-se com ela. A partir desse ponto, a narrativa desenvolve-se por meio de sucessivas reviravoltas e constantes retrospectivas (flashbacks), que conduzem o leitor, gradualmente, à revelação da verdadeira identidade da personagem.

Teixeira e Sousa não se omitiu diante das questões de seu tempo. A escravidão está presente na obra por meio da personagem João, um homem negro escravizado, retratado como virtuoso e com participação efetiva no desenvolvimento da narrativa. É significativo que, no primeiro romance produzido no Brasil, haja um personagem negro integrado à trama, e mais significativo ainda que isso ocorra pelas mãos do primeiro romancista negro da história literária brasileira. Longe de apagar ou marginalizar a presença negra, Teixeira e Sousa a inscreve em sua narrativa, conferindo visibilidade a personagens que refletiam a realidade social do país.

> — João!., —era o nome do escravo; e os espectadores o-julgaram abafado debaixo de tantos destroços! Dous, ou tres minutos ao depois, João, trazendo sobre suas costas Augusto, que estava desmaiado, disputa com a morte tanto a sua vida, como a de seu senhor, abrindo caminho per entre chammas!
>
> (...)
>
> Deixemos ainda Marcos por alguns instantes e vejamos o que se-passa entre Laura e João depois da carta deste. —João, viste alguma cousa no jardim, no domingo á noute?
>
> —Vi o Snr, Marcos escondido debaixo de uma arvore, e eu estive vigiando a elle debaixo de outra arvore.
>
> ___E depois?
>
> —Elle quiz matar a minha senhora. —E depois? —Eu sahi, briguei com elle e eu pude mais do que elle …
>
> —E depois? João repetiu a Laura o quanto sabemos que aconteceu entre Marcos, e o seu vencedor.(Teixeira e Souza, 1843, p. 185)
>
> [...]
>
> O fiel João contemplou este corpo sem vida com um interesse mysterioso! Si'acreditarmos as palavras deste honrado negro, temos que notar alguma cousa entre este corpo e o de Florindo. (Teixeira e Souza, 1843, p. 185)

A obra que inaugura o gênero romance no Brasil foi escrita por um autor negro. Embora a narrativa apresente problemas estruturais e as fragilidades próprias de uma obra de estreia, tais limitações não constituem uma particularidade de Teixeira e Sousa. Como ocorre com inúmeros escritores, o aprimoramento da técnica e do estilo é um processo construído ao longo da trajetória literária. O que chama a atenção, contudo, é que, apesar de seu nome figurar na maioria dos compêndios de história

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

da literatura brasileira e de ser amplamente reconhecido que *O Filho do Pescador* inaugura o gênero romance no país, esse reconhecimento nem sempre é acompanhado de uma valorização crítica proporcional à importância histórica e literária de sua autoria.

O inusitado desse processo é que a crítica literária hegemônica se debruça sobre esta obra com uma repugnância visível, contabilizando apenas debilidades. Mesmo diante da impossibilidade de se negar o pioneirismo de Teixeira e Souza, cabe a nós, críticos formados nos dois mundos, entender, pelas palavras de Antonio Candido, que a literatura é um direito básico do ser humano, pois o direito à ficção atua na formação e no caráter dos sujeitos (Candido, 1995). Não só entendemos dessa forma, como também nos somamos a outros trabalhos que, incansavelmente, retiram do anonimato a produção literária do século XIX.

Uma edição na reescrita negra da história da Literatura Brasileira

O sucesso editorial de *O filho do pescador* no século XIX antagoniza com o silenciamento extremado, que culminou num apagamento do papel da escrita de Teixeira e Souza na formação do romance brasileiro. Desde 1843, num consórcio com as tipografias de Paula Brito, os textos de Teixeirinha, como era conhecido no período, circulam em abundância de edições, às vezes mais de uma por ano. Infelizmente, por razões diversas, dentre elas a mudança do gosto dos críticos literários, especialmente na crítica ao Romantismo, o livro deixou de receber novas edições desaparecendo das livrarias, das bibliotecas e dos manuais de historiografia da literatura brasileira.

Tal apagamento decorre não apenas desse argumento que acabamos de utilizar, mas também de uma disputa no movediço terreno da historiografia literária em torno do protagonismo de Teixeira e Sousa na cultura do romance brasileiro. Além disso, não podemos esquecer das entranhas estruturais do racismo brasileiro e dos destinos a que um autor negro frente ao mercado editorial é levado a ter, ainda que tenha sido parceiro de um Paula Brito – grande editor negro do Império – que atuou fortemente para colocar em circulação a obra sobre o qual estamos propondo a investigação crítica. Nem esse melhor cenário foi capaz de garantir uma nota nas páginas brancas dos livros de história da literatura brasileira.

Teixeira e Sousa encerra um papel paradigmático de ter sido um grande sucesso de venda e ter caído no esquecimento dos literatos brasileiros. Por outras palavras, o escritor teve sua condição protagonista minorada pela atividade crítica brasileira que ainda se recusa a compreender seu papel político para a história da literatura brasileira em Cabo Frio. Por isso, estamos propondo – Prof. Dr. Arivaldo Sacramento de Souza, da Universidade Federal da Bahia, coordenador do grupo Núcleo de Estudos Paleográficos, e a Profa. Dra. Fernanda Felisberto, da UFRRJ, coordenadora do grupo ITAN

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Pesquisas – uma edição histórica e crítica para *O Filho do Pescador*, acompanhado de todos os cuidados filológicos e de crítica literária necessários para compreender a história do romance, desde a sua primeira circulação em folhetim até a sua última edição no século XIX. Tal situação permitirá dar a ver o papel político de Teixeira e Sousa na ampla estampa da nacionalidade brasileira, costumeiramente esquecida de seus ancestrais negros.

Não apenas no âmbito da crítica literária podem ser desenvolvidas ações que livrem as produções narrativas de autorias negras de chaves de leitura aprisionadoras. Um dos gestos mais fecundos para esse processo é a pesquisa documental, nos mais diferentes acervos, que pode trazer materialidade histórica a partir dos documentos, para retecer a memória em torno da literatura de Teixeira e Souza.

Nesse campo de investigação de fontes primárias, os estudos filológicos constituem um campo fértil não só para edições que recuperem textos, como *O Filho do Pescador*, mas também para compreensão das coordenadas culturais que trazem à baila enredos em torno do processo de produção, circulação e recepção do texto. A esse processo de investigação social chamamos de sociologia dos textos, no sentido empregado por D. McKenzie, intelectual neozelandês, radicado na Inglaterra, que estudou a cultura impressa material na Cultura Oral, Alfabetização e Impressão na Nova Zelândia (McKenzie, 2005).

É que o ato de editar um texto, isto é, de reinscrevê-lo historicamente, por meio de uma edição, não é simplesmente transpor caracteres gráficos de um dado período histórico para outro. É necessário pensar as circunstâncias do sistema literário no qual o texto foi forjado e, depois, nas circunstâncias que nos obrigam a ler contemporaneamente, um texto produzido em outra temporalidade. Da tensão entre **contexto de produção**, em que o livro foi feito e circulou, e o **contexto contemporâneo**, no qual nos movemos para ler o texto no contexto, abarcando nossa história e nosso repertório contemporâneo, resulta um dos objetivos do labor filológico, qual seja: a mediação editorial na qualidade dos tempos.

Ao falar em mediador, não se trata de pensar numa posição neutra, sem ações que apontam quais gestos editoriais foram tomados. Ao contrário, a mediação é revelar os limites e resistências que o material que está sendo editado revela. Os limites são aqueles que apontam que é impossível re-instaurar a cena enunciativa ou o cenário em que o texto foi editado, mas talvez sejam necessários reunir esforços para que todas as leituras críticas sejam ancoradas nas possibilidades históricas que foram possíveis de estabelecer pela pesquisa. Só assim poderemos compreender a dimensão anacrônica da pesquisa, a resistência como um limite daquilo que o texto suporta sobre o que dele somos capazes de dizer.

Restam às pessoas interessadas em pensar o ato editorial como um direito à memória e reescrita

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

da história da literatura brasileira compreender papéis políticos que envolve a formação de um intelectual negro em liberdade a partir da década de 1840, visando a compreensão do repertório a que o autor teve acesso. Desse modo, é necessário escapar do determinismo biografista que explica a obra pela vida do autor, mas é impossível não compreender a relação entre literatura e histórica na urdidura do romance brasileiro de Teixeira e Souza; mas também não podemos fugir da ideia de que as posturas editoriais possuem papel, uma espécie de assinatura ética que apresente a estética da posição crítica tomada na edição. Não somos imparciais e revelar nossas escolhas e posturas é revelar nosso compromisso ético. A prática filológica, então, é esta tomada de posição mundana, secular, que se compromete com a historicidade. Sobre isso, podemos pensar nas palavras de Edward Said:

> O texto é produzido pelo mundo, um concerto das forças materiais de poder neste mundo, e a contextualidade/ localidade de que fala especificamente. [...] Recriar a rede de afiliação é, portanto, tornar visível, dar materialidade de volta, aos fios que prendem o texto à sociedade, autor e cultura. (Said, 1983, p. 175).

Com isso, no caso em particular de *O filho do pescador*, propor uma nova edição acionará uma questão em torno do estatuto do primeiro romance brasileira, na disputa de sentidos operados pelos manuais de historiografias literárias, como discutido na primeira parte desta reflexão. Assim, o que estamos discutindo, nas palavras de Denise Carrascosa nos Seminários Avançados IV do PPGLitCult (UFBA), é o direito ao patrimônio literário, espoliado das pessoas negras pelo processo do racismo à brasileira.

Nessa perspectiva, a reedição do romance de Teixeirinha acompanha-nos de um laborioso processo de contrapor o esgarçamento histórico do fecundo papel de pessoas negras na fatura da Literatura Brasileira. Uma luta combatida há muitos anos, sobretudo por intelectuais negros que reconheceram pessoas que não tiveram chances de vencer os muros do mercado editorial brasileiro, mas que também não deixaram de enunciar, estrategicamente, sua arte literária verbivocovisual, como, por exemplo, através de coletivos literários, de impressões artesanais e de eventos literários (saraus, slams, recitais etc.) que põem em circulação essas formas resistentes de arte da palavra.

A tradição textual de *O Filho do pescador*: em busca de uma edição histórica e crítica

Por tradição textual entendemos o produto da reunião de cópias existentes de um determinado texto que foi copiado ou reeditado, no caso dos livros, ao longo do tempo. No nosso caso, a tradição textual de *O Filho do Pescador* possui duas temporalidades: uma relativa ao contexto de emergência

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

oitocentista da obra; outra, sobre edições novecentistas que foram produzidas por intelectuais que se interessaram pelo problema da obra de Teixeira e Souza. Obviamente, as reproduções mecânicas e reimpressões, ainda que por diferentes editoras, por não alterarem e repetirem uma das cópias existentes, não podem constituir o repertório de investigação da tradição.

No caso da presente proposta, estamos organizando uma edição filológica, que consiste num esforço de recolher originais e cópias existentes, conformar, então, a tradição e, a partir dela, analisar os lugares em que as cópias divergem por meio do cotejo entre os textos a que chamamos tecnicamente de "testemunho", na tentativa de perceber as mudanças de sentido produzidas pelos diferentes agentes que interagem com a materialidade textual de Teixeira e Souza, quer em vida do autor (o que pode sugerir uma mudança autoral), quer depois de sua morte.

Com essa concepção, entendemos que essas possíveis modificações encontradas nesses pontos de divergência – terminologicamente chamados de lugares de crítica –, devem ser analisadas de modo mais complexo que o simples "erro cópia". Há aqueles erros de natureza tipográfica, no caso dos impressos, ou, aqueles que são do gesto manual de quem copia, os famosos *lapsus calami*. Contudo, há aquelas modificações que decorreram da adição, omissão, deslocamento e substituição de elementos na massa textual. Elas precisam ser analisadas, pois podem resultar de formas sociais de recepção do texto, em que os *scriptores* modificam para fazer sentido na sincronia linguística e cultural na qual estão, mas também de censura, de ajustes estilísticos, dentre outros motivos.

Por isso, uma edição que simplesmente desconhece a tradição do texto acredita numa concepção de texto abstrata, hostil à história do processo de transmissão textual. Nesse sentido é que desejamos produzir para o filho do pescador uma edição histórica, aquela que historiciza, a partir das marcas sociais produzidas pelas cópias, o texto da edição como uma espécie de arquivo histórico de *O Filho do Pescador*. Contudo, precisamos entender que todo estudo histórico representará também uma posição de crítica, não só nas escolhas editoriais, mas também na produção de notas que contextualizam passagens desconhecidas ou desuso na contemporaneidade; no esforço de elaborar uma metacrítica capaz de entender o *modus operandi* da crítica literária responsável pela estagnação da produção intelectual de Teixeira e Souza; e, por fim, no gesto de enunciar outros caminhos de crítica negligenciados pelos mecanismos de crítica literária, normativos de sua própria branquitude.

Na prática, acerca d*O filho do pescador*, até agora conhecemos o modo como o texto circulou no século XIX, a saber:

a) como folhetim no jornal *O Brasil - Vestra res agitur* (sobre o que interessa a vocês), no Rio de Janeiro, de 6 de julho de 1843 a 22 de agosto de 1843, em 18 edições do jornal do número 419-437 (cf. figura 1). Abaixo do nome do jornal lemos: "Publi-

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

ca-se de tarde as terças. quintas feiras e sabbados, na Typographia de F. de P. Brito, praça da Constituição N. 64, onde se subscreve unicamente a 5:000rs por semestre, pagos adiantados, e vendem-se os numeros avulsos a 80 réis". Esse é um dos indícios materiais mais fortes de que a história do romance brasileiro de Teixeira e Souza não pode ser contada sem que levemos em consideração a ligação entre o referido autor e Francisco de Paulo Brito, afinal, como a nota nos diz, o periódico foi produzido na tipografia dele. Mais detidamente sobre o romance, o folhetim *O Filho do Pescador - Romance Brasileiro Original* situa-se na parte inferior do jornal, permanece dividido em três colunas, o que permaneceu em todas as edições.

Figura 1. Fac-símile de *O Brasil*, em 22 de agosto de 1843



O Brasil.

Vestra res agitur.

Publica-se de tarde ás terças, quintas feiras e sabbados, na Typographia Imparcial de F. de P. Brito, praça da Constituição N. 64, onde se subscreve unicamente a 5:000 rs. por semestre, pagos adiantados, e vendem-se os numeros avulsos a 80 réis.

VOL. IV. RIO DE JANEIRO, QUINTA FEIRA 6 DE JULHO DE 1843. NUM. 419.

O BRASIL.

O processo do secretario do governo rebelde em Minas.

A opposição extasiou-se diante do jury de Ouro-Preto por occasião da segunda absolvição do secretario do governo rebelde na provincia de Minas: essa decisão, ella a considerou como o triumpho o mais completo de sua causa, como uma victoria ainda mais importante do que a que obteve a causa das instituições nos campos de Santa Luzia. O dom da infallibilidade estava ella prompta a conferir aos doze juizes de facto que lhe deram esse gosto; que importava que os jurados houvessem sido torpemente solicitados pelos mais influentes do seu partido reunidos na assembléa provincial? Que importava que nesse jury illegal tivessem tomado assento, para protegerem o réu, membros da assembléa provincial por ella autorisados contra a lei para irem desempenhar as funcções de juizes de facto? que importava emfim que fosse a decisão do jury tão absurda como o que ha de mais absurdo? A opposição não olha sommitos, estava o secretario da rebellião, o personagem mais proeminente dos que interpuseram o recurso para o juizo de Deus, absolvido, innocentado; ahi! triumpho.

Em balde para contrastar os seus brados se lhe podia oppôr que o jury, apesar de todas as solicitações (e todos sabemos quanto são poderosas solicitações deste genero), não se animou a absolver o réu por julgal-o innocente, por julgar que os seus actos não eram criminosos; apenas se atreveu a consideral-o cumplice, e, favorecido então por nossa lei penal, ficou elle exempto de castigo. Mas se o facto era criminoso, se a rebellião era flagrante e de todos reconhecida, como póde haver quem com dous dedos de bom senso se anime a considerar apenas cumplice della cobremem que todos apontam como o principal promotor desse crime, o que mais serviços prestou á rebellião, o que a não desamparou em circumstancia alguma, emfim, o omnipotente secretario do governo rebelde? Se este não fôr o cabeça, quem o será? ou pretende a opposição, embaraçada do jury de Ouro-Preto, que a rebellião de 1842 foi um monstro de mil pernas, de mil braços, mas sem cabeça?

Se ás fileiras da opposição levou essa decisão do jury o prazer e o jubilo, tão escandaloso havia sido o patronato exercido, tão triste sensação produzia elle em todos os homens que ainda tem em conta de algum valor a justiça e a verdade, que até os periodicos ordeiros da provincia de Minas, cuja linguagem sempre foi digna e conveniente, tractaram-n'a de facciosa e violentissima. Não alteraram politica, diremos-lá a opposição; sim, mas, por mais que essa decisão fosse contraria ás opiniões dos jornalistas elles não se pronunciaram com tanta serimonia e vehemencia se a irritação de seus espiritos não fosse epoisada na indignação da opinião publica diante dessa tremenda bofetada dada na face da justiça.

O promotor publico fundado na disposição do codigo que lhe autorisa o recurso de appellação quando no processo encontre nullidade, interpol-o, e depois de ter estado tres dias livre, o réu foi de novo recolhido á cadeia.

Temos ouvido contestar a legalidade do proceder do promotor publico; alguns pensam que quando da primeira decisão do jury ha appellação do juiz de direito, por não achar justa a sentença, fica excluida a appellação do promotor por motivo das illegalidades do processo; essa opinião equivale a esta outra, que as decisões do segundo jury são por tal modo terminantes, que por mais nullo que seja o processo deste segundo jury não ha recurso algum, que poisolem os jurados em vez de serem sorteados terem sido escolhidos a dedo, que póde o concelho ter sido composto de numero de juizes de facto inferior ao marcado na lei, ou outras que taes nullidades essencialissimas, sem que haja remedio algum. Basta a enunciação desta opinião para que ninguem haja que a sustente.

Seja porém como fôr, essa segunda absolvição do principal cabeça da rebellião de Minas, é facto bastante grave para que desapaixonadamente sobre elle meditem os nossos estadistas; revela elle ou algum vicio na instituição do tribunal do jury, ou na moralidade do paiz, e em todo o caso deve determinar a politica que cumpre seja pelo governo seguida. Na presença desse facto deixar as cousas ir como vão é dar o mesmo exemplo de imprudencia ou de loucura que daria quem, vendo desabar o edificio em que reside, ficasse nelle muito mansa e pacificamente deitado até ser esmagado pelas ruinas.

O imposto do sello.

Continúa na camara temporaria a discussão do imposto do sello, sem que se possa prever qual será o resultado na votação, por quanto muitos dos membros da maioria o tem combatido, senão em todas as suas partes, ao menos em algumas. Para justificar essa imposição na parte relativa aos periodicos, apontam-nos o exemplo da Inglaterra e da França, e como argumento que o jornalista não pagará esse imposto, mas irá havel-o dos seus assignantes; ora o que valerá 1.500 réis mais por anno que cada assignante de folha quotidiana terá que pagar?

Esse argumento parece concludentissimo, e de facto qual o assignante que largará uma folha, a cuja leitura está acostumado, ou que sustenta as suas opiniões politicas por causa desse augmento de preço insignificantissimo? os que porém são força a esse argumento, não estão inteirados do estado da imprensa no Brasil, do grande numero de assig-

FOLHETIM.

O FILHO DO PESCADOR

ROMANCE BRASILEIRO

ORIGINAL.

CARTA A EMILIA QUE SERVE COMO DE PROEMIO.

Tantos são os respeitos, e tão sinceros é a estima que vos tributo, virtuosa Emilia, que não acho desculpa, por plausivel seja, recusando-me ao vosso pedido.

A leitura da vossa ultima carta me fez plenamente ver que muito produzia em vossa imaginação a leitura do meu poema, ou romance—Os tres dias de um noivado (*)—Eu estou contente. Agora exigis le mim um romance em prosa: a tarefa é-me difficil, não pela obra em si propria, mas pela pessoa a quem ella se deve dirigir; porque vós me dizeis que queriais um romance para vós, vosso marido, vosso filho, e vossa filha?

Que tarefa! Um romance para uma senhora casada, e mãe; para um marido, e pae; e emfim para dous jovens!...

De quantos sei nem um conheci digno disto, e este de que lanço mão é só em falta de outro melhor. Vós o julgareis. Como minha verdadeira amiga, e proxima parenta, conto com a vossa indulgencia; e quando não poderdes combinar com o meu modo de pensar, eu vos rogo que me não arguais sem previamente me ouvirdes. Conto-vos pois uma historia que me hão contado.

Escrevo para agradar-vos: junto aos meus escriptos o quanto posso de moral, para que elles vos sejam uteis: junto-lhes as bellezas da litteratura, para que vos falleiem. Não escrijo este meu escripto, porque essa honra vós lhe fareis!

Se me comprehenderdes, eu tenho chegado ao fim a que me propuz. Acude me julgardes muito cousado, estudai-me, e então comprehendereis mais do que digo, e mesmo o que não digo; mas sonde me vedes muito differo, crêde que lá muito mais do que o que eu digo! Entendei-me, e sereí feliz. Tenho saudades de vós. *O vosso fiel amigo.*

CAPITULO I.

MAS EU SOU TÃO POBRE!...

A descripção das scenas da natureza são a pedra de toque do escriptor: descrever estas scenas está ao alcance de qualquer genio mediocre; mas empregar nesta pintura as verdadeiras côres precisas, e nos seus devidos logares, é com duvida o ponto mais difficil de attingir da poesia descriptiva, ou pintura da natureza. Desculpai-me pois si mal o sou fazer.— E sempre no meio destes bellos quadros da natureza, que amor anna reposar.

No meio de todos os encantos de uma risonha primavera ataviada de todas as galas de que é sus-

(*) *Obra inedita.*

Fonte: O BRASIL, 1843, p. 1

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

b) depois, há uma edição sobre a qual não há muitas informações, mas que liga o nome de Teixeira e Souza a outro editor, cuja expressividade não podia ser comparada a uma Garnier, por exemplo. Entretanto, trata-se da Tipografia de Serafim José Alves, impressor de obras de autoria de Castro Alves, Arthur Ramos e Silvio Romero. A edição de *O Filho de Pescador* não é datada, mas os estudos de Laurence Hallewell (2012) sobre o livro no Brasil mostram que uma das editoras a que o tipógrafo e/ou dono tem o nome ligado à Livraria Econômica, de 1851. Contudo, as informações da folha de rosto da edição (cf. figura 2) dizem que se trata da "Typ. da — ESCOLA — de Serafim José Alves, Editor 83 — Bua Sete de Setembro — 8 3". Seria a "Escola" uma referência ao que, em 6 de julho de 1878, a A ESCOLA – REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO? Não podemos precisar. A essa edição, portanto, precisamos atribuir, relativamente, entre 1851 e 1877-1878. Vale ressaltar que é esta a edição que aparece na Biblioteca Brasiliana (USP), datada de 1943. Infelizmente, não foi possível identificarmos ainda como foi possível chegar a essa conclusão;

Figura 2. Typ. da — ESCOLA — de Serafim José Alves



Visualizar Download

Autor:	Sousa, Antônio Gonçalves Teixeira e, 1812-1861
Título:	O filho do pescador : romance brasileiro
Editor:	Rio de Janeiro : Typ. da Escola de Serafim José Alves, Editor
Data do documento:	[1843]
Suporte Físico:	235 p.
Tipo:	Livro
Idioma:	por
Direitos:	Domínio público
Assunto:	LITERATURA BRASILEIRA ROMANCE
Cobertura Temporal:	Século 19
Cobertura geográica:	BRASIL
Aparece nas coleções:	Livros

Fonte: Souza, [1851 e 1877-1878], [folha de rosto]

c) em 1859, fatos novos ajudam a contar a história do romance *O Filho do Pescador*. É que dada a escassez da edição do romance no referido ano, o periódico *A Marmota* noticiou na seção "Aos nossos assignantes" que o Romance voltaria a circular e que ele teria o mesmo sucesso que teve no ano de 1843 na tipografia de Paula Brito, vejamos: "Correcto

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

pela mesma penna que o escreveu, é de esperar que o – Filho do Pescador – seja tão feliz, em 1859, como foi em 1842 e 1843" (A Marmota, 1859, p.1). A nota integral também nos dá notícia sobre o autor Teixeira e Souza, que em 1859 atuava como escrivão do "Juizo Commercial". Apesar do tom laudatório muito condizente com a propaganda necessária para circulação do livro, o editor afirma que "[...] o vasio que existia entre nós, pela falta de exemplares d'essa engenhosa produção, nós vamos agora preencher, fazendo uma *nova edição* da que foi impressa em 1843 na nossa typografia" (A Marmota, 1859, p.1). Esse dado pode ter sido o que usou a Biblioteca Brasiliana para referir-se à edição príncipe – a primeira edição em brochura do romance –, mas, como não há materialidade para afirmar, é preciso ainda desconfiar da informação inferida. Outro ponto importante da nota diz respeito ao fato de que, a partir de então, o folhetim será posto em circulação novamente, tal como foi no periódico *O Brasil*, no periódico *A Marmota*, a partir do número 1065. E assim foi feito: de 14 de junho 1859 a 20 de setembro de 1959, o folhetim saiu terças e sextas por pouco mais de três meses.

Figura 3. *A Marmota.*



N. 1065. SEXTA FEIRA 17 DE JUNHO 1859.

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — Typographia de Paula Brito — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 5$000 rs. por seis mezes para a côrte; e 6$000 rs. para fóra, pagos adiantados. Ns. avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

AVISO ESSENCIAL.

Os Snrs. assignantes da *Marmota* podem vir ou mandar reformar suas assignaturas, que se vencem a 30 do corrente, para receberem de — *premio gratis* — uma cautela, annexa á 2.ª loteria de Julho, sendo os premios os seguintes:

Para a sorte de 20:000$ — Em dinheiro 10$ rs.
Para a » de 10:000$ — Em dinheiro 5$ rs.
Para a » » 1:000$ — Seis grossos volumes de — Historia das Provincias do Rio da Prata (em hespanhol) por *De Angelis*..... 3$ rs.
Para a sorte de 2:000$ — *Annaes do Rio de Janeiro*, por bolthazar da Silva Lisboa, 7 vols..... 1$ rs.
Para as 6 sortes de 1:000$ — Um jogo da *Vicentina*, romance, em 3 volumes, do Sr. Dr. Macedo, 3.ª edição..... 1$ rs.

Rs. 20$000

As assignaturas são de 2$ rs. por dous mezes, e por cada reforma receberão sempre uma *cautela*. Pelas outras folhas, que actualmente recebem tambem, não pagam cousa alguma.

Em geral toda e qualquer pessoa que assignar a *Marmota*, o *Archivo*, etc., ou comprar livros na — Loja de Paula Brito — terá cautelas, *gratis*, dos premios acima, na seguinte proporção: gastando

De 2$ a 3$ rs. 1 cautela (10 numeros).
De 3$ a 5$ rs. 2 cautelas (20 numeros).
De 5$ a 7$ rs. 3 cautelas (30 numeros).
De 7$ a 9$ rs. 4 cautelas (40 numeros).
Gastando 10$ rs. 5 cautelas (50 numeros).

64 — Praça da Constituição — 64

FOLHETIM.

O FILHO DO PESCADOR

Romance Brasileiro

ORIGINAL

POR

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUSA.

CARTA A EMILIA, QUE SERVE COMO DE PROEMIO.

Tantos são os respeitos, e tão sinceros é a estima que vos tributo, virtuosa Emilia, que não sabo desculpa que plausivel seja, recusando-me ao vosso pedido.

A leitura da vossa ultima carta me fez plenamente ver que muito produzio em vossa imaginação a leitura do meu poema os romance — Os tres dias de um noivado (*). —

(*) Obra inedita.

DIALOGO

entre os compadres *Baquiroto*, da cidade e o *Bacchista*, da roça.

— Deos esteja nesta casa!

— Oh! respeitavel compadre Bacchista: pódo subir e sentar-se! Eu já sentia infinitas saudades suas, tanto, que tencionava escrever-lhe pedindo que apparecesse!

— Anhelo encontral-o melhor de seus soffrimentos, e livre de cuidados toda a sua familia. Constando-me lá na roça que o compadre estivera doente, disse com os meus botões: vou visitar o compadre, e ao mesmo tempo exercitar uma das obras de misericordia. Assim reflexionando, puz o fragil barquinho a nado, e coadjuvado pela brisa, depressa aportei. Aproveitando o ensejo, fui fazer meus comprimentos a um meu amigo, pessoa de alto coturno; e fui mais ainda á rua do Ouvidor comprar um pouco de carmim, e uma agua que faz do velho moço, quero dizer, que tinge cabellos.

— Para seu uso?

— Deos me defenda! E' para uma Snra. minha vizinha que, comquanto já conte seus dez lustros, contudo usa do tal vermelhão e da tal aguasinha, com o que se persuade ficar uma nova Judith! Coitada! engana-se redondamente, por que com taes artificios não possa de ser uma vaidosa velha que serve de alvo para censuras das pessoas serias. Na vinda para aqui, um preto, do alto de um sobrado, e na occasião em que eu passava, sacudio um tapete, cujo pó cegando-me por um momento, poz-me tambem a casaca como o compadre a vê. Encavaquei com o negocio, e fiz ao preto algumas observações; mas, qual foi a minha admiração, quando o pretinho, soltando uma gargalhada, depois me disse:—*nã fais caso, sinhá, èse é cósa di seeru di luzi!* Confesso que ri-me tambem, e admirei-me do nosso progresso, pois vi que o pretinho me fallava no seculo das luzes!! . Vencido pela logica do etyope, prosegui e eis-me aqui.

— Dê parabens á sua fortuna não levar um banho, o que muitas vezes acontece a quem anda na rua, sem ser em tempo de chuvas. Sou contra o *politico* systema de se sacudir os tapetes nas sacadas; porém o que quer? estamos no seculo das luminarias, por conseguinte devemos tudo soffrer por honra e gloria do mesmo seculo!!

— Agora recordo-me que ainda não sondo da comadre, e da minha afilhada! Como vão ellas?

— Graças ao Supremo Architecto, estão

Eu estou contente. Agora exigis de mim um romance em prosa: a tarefa é-me difficil, não pela obra em si propria, mas pela pessoa a quem elle se deve dirigir; porque vós me dizeis que quereis um romance para vós, vosso marido, vosso filho e vossa filha!

Que tarefa! Um romance para uma senhora casada e mãi; para um marido e pai, e emfim para dous jovens!..

De quantos sei, nenhum conheci digno disto, e este de que hoje não é só em falta de outro melhor. Vós o julgareis. Como minha verdadeira amiga e proxima parenta, conto com a vossa indulgencia; e quando não poderdes combinar com o meu modo de pensar, eu vos rogo que me não arguais sem previamente me ouvirdes. Conto-vos, pois, uma historia que me hão contado.

Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escriptos o quanto posso de moral, para que elles vos sejam uteis; junto-lhes as bellezas da litteratura, para que vos deleitem. Não corrijo este meu escripto, porque essa honra vós lhe fareis!

Se me comprehenderdes, eu tenho chegado ao fim a que me propuz. Aonde me julgardes muito conciso, estudai-me, e então como prehenderdes mais do que digo e mesmo — que não digo; mas aonde me virdes muito diffuso, crêde que ha muito mais do que o que eu digo! Entendei-me e serei feliz. Tenho saudades de vós.

O vosso fiel amigo,

T. E SOUSA.

CAPITULO I.

MAS EU SOU TÃO POBRE!..

A descripção das scenas da natureza é a pedra de toque do escriptor! descrever estas scenas está ao alcance de qualquer genio mediocre; mas empregar nesta pintura as verdadeiras côres precisas e nos seus devidos logares, é sem duvida o ponto mais difficil de attingir da poesia descriptiva ou pintura da natureza. Discutam-no, pois, se mal o vou fazer.— E' sempre no meio destes bellos quadros da natureza que nascem as revoar.

No meio de todos os encantos de uma risonha primavera, atavisada de todas as galas de que é susceptivel a mais brilhante de todas as estações, uma aurora verdadeiramente

Fonte: A Marmota, 1859, p. 1

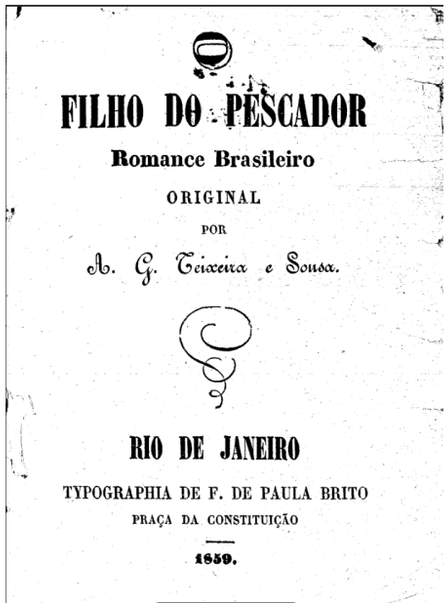
Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Nesse periódico de Paula Brito pode residir uma antecipação da história do romance brasileiro, uma vez que o editor afirma que 1842 *O Filho do Pescador* folgou em sucesso de público leitor. Todavia, ainda não conseguimos localizar o testemunho de 1842, mas tal fato não dá a ninguém o direito de contestar a palavra de um Paula Brito. Primeiro, pelo seu lugar privilegiado de perceber, como tipógrafo e comerciante de livros e periódicos, o que vende e o que não; segundo, o seu tino comercial e a aposta de republicação do folhetim com a esperança de reviver o sucesso comercial;

d) e em livro, com duas edições (terceira e quarta), pela Tipografia de F. de Paula Brito. A terceira edição é de 1859 (figura 4); a quarta de 1860 (cf. figura 5). Como prometido em *A Marmota*, Paula Brito publicou essas edições, confiado no sucesso editorial que fez com que, em anos consecutivos, tivéssemos mais duas edições. Sobre a terceira (cf. figura 4), localizamos o exemplar, na Biblioteca Nacional, com datação de 1859, na última página do romance. Na edição do periódico em que circula a informação da terceira edição, podemos ler "3a. edição mais correta", fato que não aparece na quarta edição, que parece ser uma reimpressão da terceira.

Figura 4. Folha de rosta da terceira edição


FILHO DO PESCADOR
Romance Brasileiro
ORIGINAL
POR
A. G. Teixeira e Sousa.
RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO
1859.

Fonte: Souza, 1859

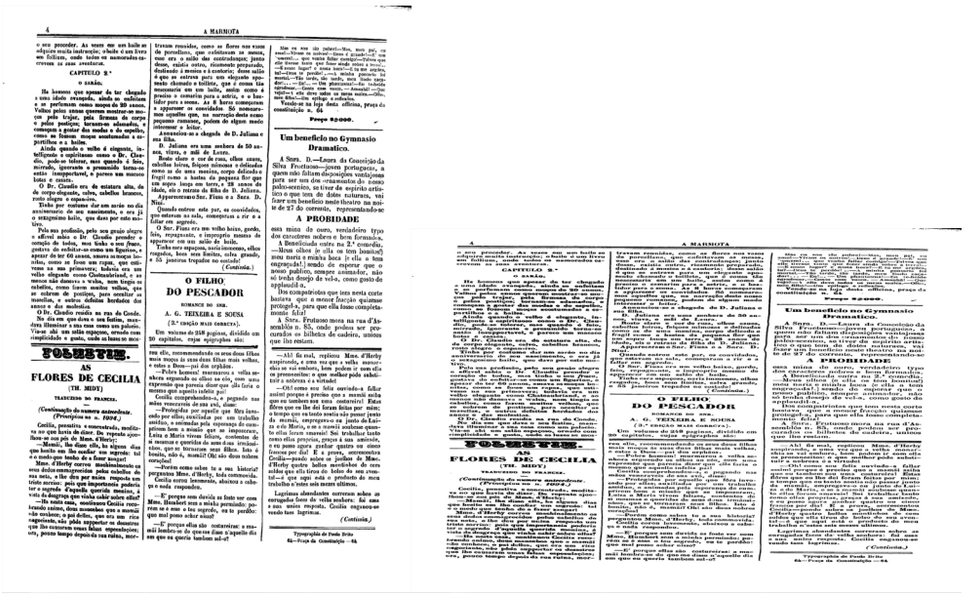
e) De fato, os problemas de impressão nas tipografias do século XIX são bastante comuns, além disso, a adesão a uma norma ortográfica, como se pratica atualmente, não é algo consolidado. Por isso, predominam no texto grafias etimologizantes ou pseudoetimológicas, numa abundância de dígrafos que costumam aparecer em textos clássicos greco-la-

Revista de Literatura Negra Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

tinos e que servem de modelo para a escrita da língua portuguesa. São o latim e o grego fontes para explicação da palavra, num momento em que explicar uma palavra, no sentido exegético mobilizado pela erudição do século XIX, significa revelar seu étimo. Assim, a grafia etimologizante cumpre uma tentativa de preservação das raízes clássicas daquela que a lira brasileira chamou de "última flor do Lácio". Como homens das Letras oitocentistas, a escrita de Teixeira e Souza e de F. de Paula Brito participam e corroboram com esse exercício intelectual, de modo que ler e compreender o texto e o trabalha tipográfico desse período significa entender, sob a égide da rasura, a presença negra nesse espaço da cultura letrada da literatura romântica.

Figura 5. Nota sobre a terceira edição de *O Filho do Pescador*



A MARMOTA

CAPITULO 2.º

O BAILE.

FOLHETIM.

AS FLORES DE CECILIA

(TR. MOY.)

O FILHO DO PESCADOR

ROMANCE DE COR.

A. G. TEIXEIRA E SOUSA

(2.ª EDIÇÃO MUI CORRECTA).

Um Benefício no Gymnasio Dramatico.

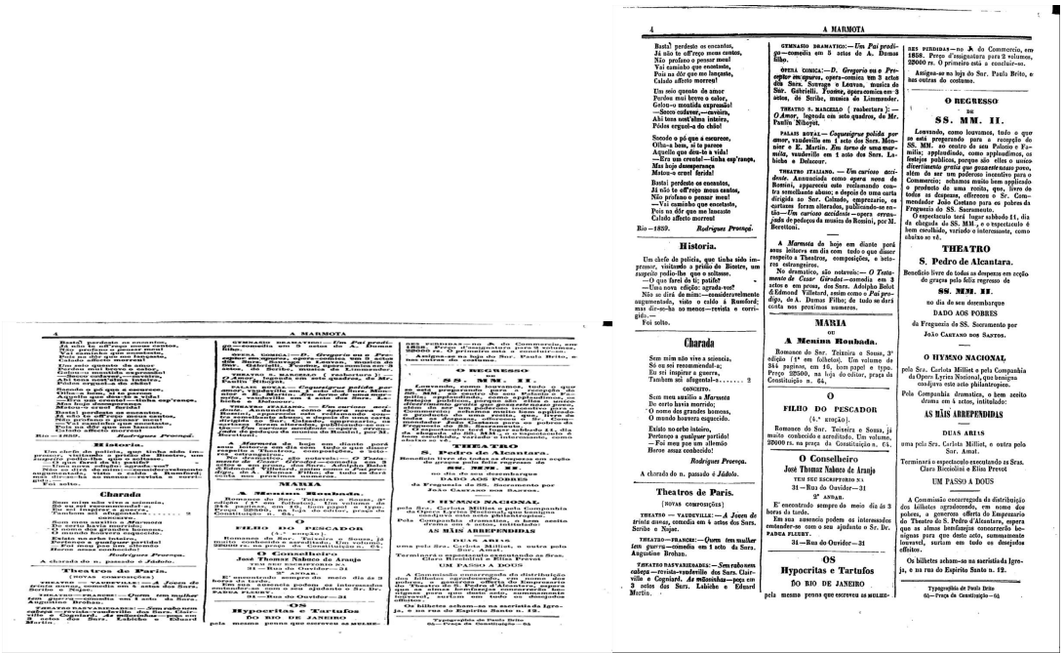
A PROBIDADE

Fonte: A Marmota, 1859, p. 4

Revista de Literatura Negra
Gongolo

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

Figura 6. A quarta edição de *O Filho do Pescador*



Fonte: *A marmota*, 1860, p. 4

Tal sucesso de publicação demonstra o quanto Teixeirinha caiu no gosto popular, ainda que os críticos literários tivessem alguma reserva, ou de perder a raridade do gosto, ou de misturar-se à massa.

Depois disso, as edições rarearam e o esquecimento da produção narrativa do filho de Cabo Frio só teve edições de relevo em 1977, com um prefácio – digamos – de Aurélio Buarque de Hollanda. Outra edição apareceu em 1997, com o prefácio do acadêmico Domício Proença Filho. A discussão dessas edições contemporâneas ficarão para um segundo momento, mas elas são chave para entendermos reações importantes contra o apagamento do papel social de Teixeira e Souza, admirado pelo jovem Machado de Assis e pelo grande editor do Império, F. de Paula Brito.

Considerações finais

Diante de tal situação, pretendemos elaborar uma edição histórica que reúna não só todos os prefácios, mas também a fortuna crítica sobre o livro, elementos para uma crítica biográfica que permitam a reinserção desse fundamental prosador negro na história da literatura brasileira. Com isso, queremos compreender também como se deu tal apagão promovido tanto pela crítica literária, em seus diversos manuais de história da literatura, mas também contribuir para a história política da

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

literatura negra no Brasil.

Para isso, acionamos a investigação de fontes primárias no campo dos estudos filológicos, aquele responsável pela compreensão histórica do sistema literário no qual o texto foi forjado, de modo a compreender:

(i) os bastidores do processo de produção das edições do livro, os agentes que contribuição para o acontecimento de *O Filho do Pescador*, tais como autor, tipógrafos, jornalistas, prefaciadores, bem como toda a sorte de intelectuais envolvidos da feitura do texto;

(ii) as materialidades do livro e o modo como ele foi posto em circulação pelos diferentes campos de agenciamento midiático (casas publicadoras, periódicos literários e folhetins por onde o livro circulou). É que, durante tais processos, pode haver problemas de intervenção no texto de modo a transformar o conteúdo, dando um acabamento diferente daquele que o autor conferiu ao texto;

(iii) de que modo o romance de Teixeira e Sousa foi recebido pelo público leitor da primeira metade do século XIX, de modo a ter – as pesquisas iniciais já respondem por isso – a narrativa circulando em diferentes suportes ao longo de duas décadas. Nesse processo, temos de coletar todos os comentários críticos que circularam nos periódicos literários cariocas de moda a endossar ou refutar o trabalho do autor.

Depois, propor, para a edição do texto, o estabelecimento do texto que é mais estratégico para composição total do texto. Aquela passagem que não foi escolhida, será inserida em nota de pé de página, que chamamos na Filologia de aparato crítico. A edição a que estamos dando o nome de **histórica e crítica**, recebe este nome primeiro por tentarmos contar a história dos bastidores da preparação do livro desde o seu fabrico, venda, circulação e público leitor, restaurando comentários que ficaram dispersos em jornais e periódicos; recebe também o nome de crítica porque será acompanhada de um texto de crítica literária em que veremos questões sociais, políticas, éticas e estéticas em torno do romance, ademais vale ressaltar que por "crítica" também entendemos aquelas edições que sofrem correções por parte da editora e do editor, além das notas de rodapé que buscam assistir ao público leitor.

Esperemos que esta pesquisa contribua para os desdobramentos nas pesquisas de Teixeira e Sousa e traga mais interessados em realizar pesquisas no movediço território das letras brasileiras, cujos interesses críticos produziram um sistema de valor no qual o sucesso vivenciado pelo Teixeira e Souza no século XIX foi sufocado pelas narrativas historiográficas de manuais. São esses manuais que atuam na conformação de políticas, currículos, instrumentos pedagógicos etc. Ainda que discordemos dessa concepção de literatura para o ensino nesse eixo teleológico que encerra a arte literária, na prática de formação moral de estudantes, não podemos esquecer que é a atuação docente – como tem apontado Fernanda Felisberto – um dos grandes recursos de socialização da Literatura Brasileiro.

Assim, com papel minorado nos diversos manuais de ensino, a obra de Teixeira e Souza desapa-

V.1, N.1, 2026
ISSN 3086-8173
https://doi.org/10.22481/relin.v1i1.19891
Dossiê – Literatura negra: perspectivas e diálogos contemporâneos
Data de publicação: 27 de setembro

receu, tornando-se quase sempre rara, deixando de lado o fato de reconhecermos que a urdidura do movimento romântico no Brasil, que apagou a presença negra ao discutir e propor a nação, não pode sonegar a presença negra de Teixeira e Souza, de Francisco de Paula Brito, de Maria Firmina dos Reis, de um Caetano Lopes de Moura e de diversos intelectuais que são expressões negras em condição de liberdade durante o século XIX.

REFERÊNCIAS

A MARMOTA. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1852-1861.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995. p. 253-263.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo. Selo Negro, 2010.

CUTI, Luiz Silva. "O leitor e o texto afro-brasileiro" In: FIGUEREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza edições, 2002. p. 19-36.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Teixeira e Sousa: "O Filho do Pescador" e a "Fatalidade de Dous Jovens" (Introdução). **Revista do Brasil**, 1941. In: SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira e. O filho do pescador. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

FILHO PROENÇA, Domício. "Filho do Pescador o primeiro romance brasileiro" in: TEIXEIRA E SOUSA, Antônio Gonçalves. **O Filho do Pescador**. Prefácio do Prof. Domício Proença Filho. Rio de Janeiro, Artium, 1997. Melhoramentos

FILHO RIBEIRO DE ALMEIDA, Wilson. TEIXEIRA E SOUSA E O FOLHETIM NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA. **Fênix** – Revista de História e Estudos Culturais, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 1–18, 2011. Disponível em: https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/332. Acesso em: 25 mar. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: RJ, Vozes, 2017.

MCKENZIE, D. F. **Bibliografía y sociología de los textos**. Traducción de Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005.

O BRASIL. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1842-1844.

SAID, Edward W. **The World, The Text, and the Critic**. Cambridge: Harvard University Press. 1983.

SILVA, Hebe Cristina da. **Prelúdio do romance brasileiro**: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais / Hebe Cristina da Silva. – Campinas, SP: [s.n.], 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1966. 583 p. (Retratos do Brasil, 51). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or404270/or404270.pdf. Acesso em: 21 Aug. 2024.

TEIXEIRA E SOUSA, Antônio Gonçalves. **O Filho do Pescador**. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

TEIXEIRA E SOUSA, A. G. **O filho do pescador**: romance brasileiro original. São Paulo: Melhoramentos, 1977.